

blicado desde os iniciadores destes estudos entre nós até às importantes obras e monografias actuais de J. Leite de Vasconcelos, J. Fontes, A. A. Mendes Correia, F. Alves Pereira, etc., sem falar do que sobre o mesmo assunto têm escrito vários autores estrangeiros, como Breuil e outros.

Tal é a obra de que ainda há pouco assim falava o insigne historiador espanhol D. António Ballesteros no «Discurso de contestación al de D. Hugo Obermaier, en su recepción en la Real Academia de la Historia» (Madrid 1926): *Abrumador es el andamiaje de esta obra maestra. Las notas, la bibliografía y los numerosos grabados patentizan lo ya dicho y que ahora reiteramos; una labor titánica, formidable, una preparación de muchos años, la perseverancia de un espíritu esforzado y la abnegación científica de un sabio.*

Setembro de 1927.

EUGÉNIO JALHAY.

Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho

(Continuado d-O Arch. Port., xxvi, 282)

16. — Duas sepulturas rupestres

O enigma das sepulturas abertas em rocha tem-me, já desde longos anos, obstinado na sua observação, sempre que o acaso mas trazia diante dos olhos, ou da sua menção encontrava leitura. E, se bem que não tenha a pretensão de haver dominado o problema, cuido que não entro na região da fantasia, afirmando que este género de inumações foi só empregado na idade média, desde a mais alta até a mais tarda, pelo menos.

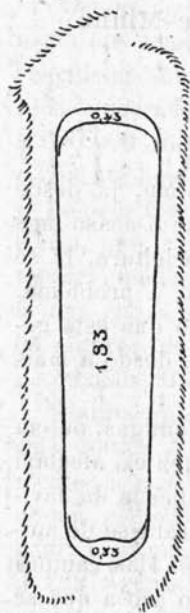
Abertas em rochas hoje isoladas, decerto as mais antigas, ou em poliândrios ao redor de igrejas desaparecidas ou existentes, affectam quasi sempre a forma trapezoidal, muitas vezes complicada da cavidade ou nicho para a cabeça do cadáver, como se se tratasse de múmias do Egipto. A circunstancia de, nas proximidades das campas isoladas, aparecerem fragmentos de *tegulae*, tem dado azo a que se supponham do período romano, mas não me parece que este argumento as possa antequar tanto, pois que as *tegulae* sobreviveram e muito àquele tempo. ¿Quantas sepulturas de médio evo eram formadas de *tegulae* postas de cutelo? E é dessa origem que procedem,

ou mesmo dos telhados de algum sacelo cristão destruído, as que com o andar dos tempos e o dos homens se desfizeram nos fragmentos que surgem agora diante do arado, nas proximidades das sepulturas rupestres.

Que o duro trabalho de cavar, à ponta de ferramenta, piscinas ou pias de vários feitios na rocha granítica provinha já da época do paganismo romano, isso é de evidência, visto atestarem-no, por exemplo, os rochedos de Panoias, nos quais até há uma fossa rectangular que, se não fôsem as inscrições e o conjunto de que faz parte, bem poderia passar por uma sepultura rupestre rectangular. A técnica antiga pagã perdurou, mas a sua aplicação logo nos tempos proto-cristãos é que se transformou. De uns séculos fica sempre alguma cousa para os que se lhe seguem.

*

Duas são as velharias a descrever sob esta epígrafe; em primeiro lugar, uma campa aberta na rocha viva no aro da freguesia sertaneja de Grade. O local chamã-se o *Monte das Cruzes*, tópico bem harmónico com a origem cristã da sepultura, a que vou referir-me.



Campa de grade

A sua forma é sub-trapezoidal, pois que são arredondos os ângulos da base do trapézio, bem como o tópo mais estreito. A sua orientação foi determinada, não por alguma razão ritual, mas pelo único aproveitamento possível da estreita rocha, ficando a cabeceira para o N. e os pés para o S. A espessura das paredes laterais é apenas de 0^m,12; o comprimento total é 1^m,83; a cabeceira 0^m,43; os pés 0^m,33; e interiormente a profundidade máxima 0^m,20. O sítio é elevado e voltado a N., tendo vestígios de antigo enleiramento do terreno contíguo, onde se vêem paredes esboralhadas; aí aparecem os costumados fragmentos de *tegulae*, de mós giratórias, de grandes vasos de barro cozido (*dolia*); um pedaço de pia de pedra e outro de *imbrex* com a espessura de 0^m,02.

No mesmo afloramento granítico, em que foi escavada a sepultura, encontra-se uma pequena fossa circular de fundo plano, com o diâmetro de 0^m,15 e a profundidade de 0^m,06, que poderia ter servido para água benta, como serviam

certos pequenos vasos, que acompanham as sepulturas mediélicas cristãs.

Nas proximidades d'este túmulo apparecem com certa frequência cacos de olaria, alguma ainda manipulada sem roda, o que não seria inteiramente estranho na idade média; se pudéssemos excluir radicalmente neste caso local a hipótese da sobreposição de populações. Mas o facto é que, na freguesia de Grade, há um pequeno castro, verdadeiro ninho de águia; e, da época romana, foi para o Museu Etnológico Português uma rudíssima lápide de granito, de frontão triangular occupado por um sinal cruciforme, em que se lêem nomes de linhagem celtística (*O Arch. Port.*, IX, 74).

Noutra rocha próxima, existia outra pequena escudela circular, escavada, com 0^m,20 de diâmetro e de profundidade central 0^m,12.

Estas notas datam de apontamentos tomados em 1905.

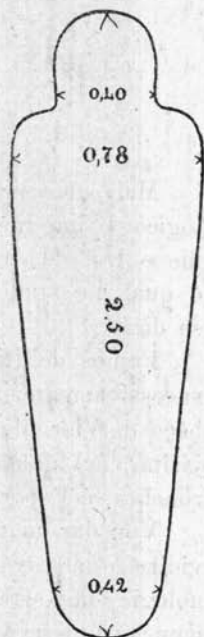
*

Outra sepultura aberta em rocha foi-me denunciada pelo meu amigo P.^e J. A. Saraiva de Miranda, descobridor inédito do paleolítico arquense, e por elle mensurada da forma que se vê na gravura.

Esta encontra-se no *Alto das Igrejas*, elevada eminência, em cujos flancos está o *Castelo de S. Miguel o Anjo*, castro que se descreveu em *O Arch. Port.*, I, 161.

É notável a dimensão desta sepultura, verdadeiramente de gigante. O contórno mumiforme desta... salgadeira, como lhe chamaria a mordacidade lisboeta¹, indica bem seguramente que o cadáver era deposto na cavidade da pedra sem esquife ou caixão de madeira. Um dos lados, porém, já lhe foi destruído; o desenho representa-a reconstituída.

Na gravura estão expressas as dimensões: comprimento 2^m,50; largura máxima 0^m,78.



Campa de Geéla

¹ Assim tenho já ouvido designar desrespeitosamente, em Lisboa, os caixões de madeira ao passarem na rua destinados aos armazéns dos cangalheiros. É um facto de lexicologia e por isso o arquivo.

Ainda a toponímia do local vem em comprovação da origem cristã da campã. Foi decerto chão sagrado, de que hoje resta apenas a já mutilada testemunha. Esta desaparecerã, se ainda não desapareceu na hora em que escrevo; mas mais resistente do que o granito que a continha, permanecerã o tãpico *Alto das Igrejas*, e por quantos sãculos ainda?

F. ALVES PEREIRA.

Antiguidades do Alentejo

Mais uma vez tive ocasião de ir ao Alentejo em estudo arqueolãgico, o que aconteceu nas ferias pascoais de 1923. Acompanhou-me o D.^{or} Manuel Heleno, Conservador do Museu Etnolãgico, o qual me ajudou eficazmente nas minhas pesquisas, como adiante se dirã.

Fomos de Lisboa direitos a Evora; daqui a Estremoz; depois, sucessivamente, a Veiros (de passagem), á Herdade Grande, a Cabẽço de Vide (de passagem)¹, a Alter-do-Chão, a Alter Pedroso (de visita), a Vaiamonte (de passagem), a Monforte do Alentejo, a Arronches, á Esperança (de visita), e ao Açumar.

Vou dar conta de alguns estudos e aquisiãões que fizemos, e dividirei o meu trabalho em varios capitulos, dispostos segundo a cronologia das estaãões arqueolãgicas e os monumentos ou objectos mencionados neles.

Estação paleolítica de Arronches

N-*O Arch. Port.*, xxiv, 47 sgs., falou o illustre arqueologo francẽs, o S.^{or} P.^o H. Breuil, de uma estaãõ paleolítica que ele descobriu á entrada da vila de Arronches, ao pé do cemiterio, a pouca distancia do rio Caia (vid. fig. 1). Nessa estaãõ encontrou muitos instrumentos de quartzite, de rude fabrico, pertencentes ao periodo chelense, e talvez ao acheulense, instrumentos que depois ofereceu quasi todos ao Museu Etnolãgico.

¹ Antigamente dizia-se *Cabeça de Vide*, como consta das *Linhagens* (sec. xiii), p. 317, e da *Ementa da Casa da India* (1507) de Braamcamp Freire, p. 10. Outro exemplo do uso de *cabeça* em sentido orografico temo-lo adiante, cap. x, em «*Cabeça de Vaiamonte*».